

Bancos lucram nos negócios com títulos da dívida

Arte/Alvarus

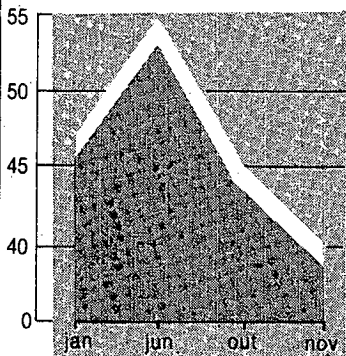
MÔNICA MAGNAVITA

A moratória brasileira acabou sendo, indiretamente, um bom negócio para os maiores bancos credores, apesar dos prejuízos provocados em um primeiro momento. Isso, porque com a suspensão dos pagamentos dos juros, o deságio dos títulos nacionais no exterior subiu de aproximadamente 25% para 60%. A partir daí, começou uma verdadeira corrida dos bancos de pequeno e médio portes para se livrarem dos títulos brasileiros. E dos grandes para comprá-los, a fim de, em seguida, vender estes papéis a empresas multinacionais. Ou seja, passaram a intermediadores, ganhando na diferença entre a compra e a venda dos créditos.

Este negócio foi tão atraente, que só no ano passado o NMB Bank fez operações da ordem de US\$ 3,4 bilhões em todo o mundo, sendo que cerca de US\$ 2 bilhões só de títulos brasileiros (US\$ 1,6 bilhão nos primeiros 10 meses de 88). O valor das negociações assume proporções ainda maiores diante da dívida inexpressiva que o País tem com o banco

Deságio

Com a moratória, em 87, caiu o valor dos títulos da dívida brasileira.



FONTE: Pesquisa

holandês, de cerca de US\$ 100 milhões. Além de ganharem na diferença entre compra e venda, a maioria dos bancos de grande porte constituíram reservas para devedores duvidosos, o que atenuou o impacto da moratória sobre os resultados fi-

nanceiros.

O comércio de títulos dos países do Terceiro Mundo se intensificou no ano passado, segundo o Gerente Geral do NMB para a América Latina, Tjip Winkel, diante da necessidade dos bancos em diversificar seu portfólio. Assim passaram a trocar entre si os papéis dos devedores, visando aumentar a cotação de suas ações na Bolsa de Nova York.

Para as multinacionais, trata-se de um excelente negócio, já que compravam no exterior títulos por US\$ 40 e o registravam no Banco Central por US\$ 100. Com isso, além de ganharem na diferença, podiam remeter lucros e dividendos pelo valor registrado. Mesmo depois da regulamentação da conversão, as operações informais continuaram beneficiando as empresas, que passaram a financiar suas filiais no País com o dinheiro da conversão. O **re-lending** (reempréstimo bancário) terá a mesma função. As empresas estão investindo em setores voltados para a exportação, segundo Winkel, como químico, farmacêutico, eletrônico, autopeças e de papel e celulose.